

NEGÓCIOS INICIATIVAS Conferência Inovação e Crescimento

OBSERVATÓRIO INOVAÇÃO

Portugal como laboratório para conceitos “techie”

O gosto dos portugueses por novas tecnologias, conjugado com a geografia e a demografia portuguesa, pode levar o País a tornar-se num laboratório para os novos conceitos tecnológicos. Mas é necessária atenção às políticas fiscais para apoiar o crescimento.

Bruno Simão

ANA LARANJEIRO

alaranjeiro@negocios.pt

BRUNO SIMÃO

Fotografia

Uma população com dez milhões de habitantes, onde as tecnologias são apreciadas pode ser o local ideal para criar um “laboratório”. António Vidigal, da EDP Inovação, e um dos membros do primeiro painel desta conferência, defendeu que “a próxima revolução industrial terá muito a ver com a conjugação do IT [tecnologias de informação] e energia”, o que pode representar uma “oportunidade imensa para o País”. “Há uma mudança de paradigma e a visão que tenho é a de uma plataforma para testar estes novos conceitos. Portugal tem a dimensão ideal para isso, os portugueses adoram tecnologias e ‘gadgets’. [Por isso, pode ser] um laboratório fantástico para a Europa testar novos produtos nestas áreas” afirmou tendo, no entanto, acrescentado que “o País se devia posicionar (...) como a plataforma ideal para testar estes novos conceitos”.

Também Isabel Vaz, da Luz Saúde, presente no mesmo painel, partilha desta visão, destacando que “temos a dimensão ideal para isso”. Ainda assim, apontou a necessidade de uma política fiscal estável. “É preciso que este País tenha visão. Hoje, temos capacidade de formar miúdos brilhantes que estão por esse mundo fora e que podem ajudar as empresas portuguesas. Somos um País simpático, onde não há guerras, onde as empresas se podem instalar de forma bastante tranquila. Falta política fiscal” que dê estabilidade,



Helena Garrido, directora do Negócios, moderou o debate do primeiro painel constituído por António Vidigal, Isabel Vaz, Bruno Padinha e Rui Paiva.

Uma política fiscal estável pode ser relevante para acelerar a atracção de inovação.

alertou, no entanto, Isabel Vaz.

Ainda com a fiscalidade como tema de fundo, Rui Paiva, da WeDo Technologies, sustentou que as empresas que criam emprego deveriam ter um IRC mais baixo. O líder da tecnológica explicou que além da importância que tem a geração de postos de trabalho, a transacção “para fora de coisas criadas cá é o que gera o valor que [nos] permite crescer enquanto País”. Deveria “haver uma política que proteja quem cresce e cria emprego” acrescentou.

Mudança de mentalidade

Um outro factor identificado durante este painel foi uma mudança de mentalidade em Portugal. “Acho que há uma mudança completa de mentalidade. Considero que com tantas iniciativas [na área da inovação nomeadamente por parte da EDP] há uma mudança de mentalidade, que agora começa a dar frutos”, atira António Vidigal.

Por sua vez, Isabel Vaz sustentou que “inovação é diferente de

criação” e que nas empresas nacionais a inovação “tem de ter liderança, o que significa que os líderes não têm de ter medo de ter empregados com ideias inovadoras”. “Não basta pensar só em inovação, mas é preciso pensar também em inovar na mentalidade” da gestão das companhias, acrescentou.

Além de uma mudança da forma de pensar é também necessário que em Portugal exista mais disciplina na execução dos processos, defendeu Bruno Padinha, da EY. ■

Com juros baixos é preciso “pneus de chuva”

“Quanto mais baixo vejo as taxas de juro, quanto mais fácil vejo o financiamento, mais correntes e pneus de chuva coloco”. Daniel Bessa, director-geral da COTEC, socorreu-se de uma modalidade que aprecia, a Fórmula 1, para alertar para os perigos das baixas taxas de juro, que se verificam actualmente.

“Acho que os tempos são muito perigosos, porque podem fazer regressar a ideia de que o mercado [interno] tem alguma coisa para dar. E terá, no dia em que as empresas exportem [mais], criem emprego, paguem salários e as pessoas, com esses salários, gastem internamente. Mas é só assim, porque antes têm de crescer na área da exportação”, sustentou.

É precisamente no mercado externo que está, segundo o responsável, a chave para o crescimento económico nacional. Algo em que a inovação terá uma palavra a dizer porque “a inovação é instrumental para o crescimento”. “Tudo o que vejo em matéria de crescimento não chega. Não chega para criar emprego, para reduzir a dívida e reduzir impostos. Alguma coisa terá de ser feita, seja com inovação ou sem inovação. Talvez não seja possível crescer sem inovação” admitiu. Além disso, Daniel Bessa acredita que

quando uma empresa vai para novos mercados está a inovar, nomeadamente, porque tem de mostrar claramente o que a distingue das demais num mercado em que está exposta a uma concorrência maior. Para explicar a sua visão, voltou a usar uma imagem, desta vez futebolística.

“Diz-se que o Futebol Clube do Porto é um horror. Ganhou [porque] comprou tudo, [incluindo] árbitros. Mas ganhou lá fora. Acho que lá fora não compraram nada. É impensável que o Futebol Clube do Porto, que ganhou lá fora, tenha comprado. Quando o jogo é virado para o mercado exterior”, as empresas mostram as suas capacidades. ■

ANA LARANJEIRO



Diz-se que o FCP é um horror. Ganhou [porque] comprou tudo, [incluindo] árbitros. Mas ganhou lá fora. Acho que lá fora não compraram.

DANIEL BESSA
Director-geral da COTEC

“Temos de atrair capital internacional”

José Epifânio da Franca, da Portugal Ventures, defende que o País tem de criar condições para atrair investimento externo para apoiar o ecossistema empreendedor de base tecnológica.

Para o presidente da Portugal Ventures, organismo público de capital de risco, José Epifânio da Franca, o País tem de “criar condições para atrair capital internacional”.

“A Portugal Ventures tem alguma capacidade de financiar [as start-ups] após a fase de ‘seed capital’ [capital de semente usado tipicamente na fase de desenvolvimento do projecto] e tem vindo a fazê-lo. Mas quando as empresas estão a chegar à fase de serem campeões do mundo – sendo que para serem campeões precisam de investimentos de dez, 20, 30 milhões de euros – não temos capital”, contou. Por isso, sustenta, Portugal tem de conseguir financiamento externo para conseguir apoiar o ecossistema de empreendedorismo de base tecnológica, de forma a “criar os campeões do mundo que precisamos”. Ainda assim, acredita que o País aprendeu com os erros do passado e sabe já estabelecer condições para que as start-ups sejam bem sucedidas.

Miguel Farinha, da EY, considerou que nos últimos anos se verificaram mudanças nas empresas, no-



Bruno Simão

O tema do financiamento foi debatido no segundo painel da conferência.

meadamente no sentido em que começaram a procurar mais capital privado para se financiarem. “Há uma série de ‘private equities’ a investirem. É uma forma muito inteligente de as empresas se financiarem”, afirmou.

Por outro lado, Luís Filipe Costa, do Montepio Investimento, destacou a inovação no financiamento. “A necessidade aguça o engenho. O sistema de garantia mútua funcionava de forma diferente. O que

fizemos a partir de 2008 foi simplificar todo este processo. O empresário passou a ir só ao seu banco e, a partir daí, todo o processo é assegurado pelo banco” salientou adiantando que “de lá para cá, fizemos 12 mil milhões de euros de créditos”. O responsável explicou, contudo, que os projectos são analisados em relação ao risco antes de ser concedido o financiamento. E, “a posteriori”, são realizadas auditorias. ■

ANA LARANJEIRO

Publicidade



OBSERVATÓRIO
EY | NEGÓCIOS
Inovação

COMPETITIVIDADE
INVESTIMENTO
INOVAÇÃO

O Observatório EY | Negócios arranca com um Barómetro sobre INOVAÇÃO e o respetivo Think Tank.

EY Building a better working world

negócios

Para mais informações:
<http://observatorioey.negocios.pt>